

O BARCELLENSE

PERIODICO POLITICO LITTERARIO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

BARCELLOS, 23

Em 13 de Fevereiro deste anno publicava o conselheiro Manoel José Botelho no jornal—*O Primeiro de Janeiro*—um communicado, cujo primeiro periodo principiava assim:

«Se é certo que a liberdade da imprensa é a mais preciosa de todas as liberdades, por ser a sua missão emitir com independencia o pensamento, que indubitavelmente é a mais nobre das nossas faculdades; se é ella o instrumento poderoso, que rasga e fecunda os caminhos do progresso; a sentinella da liberdade; a conselheira dos povos e obreira de civilisação; é claro por isso, que quando se desvia do bom caminho, deixando de ter a justiça por inspiração, e a verdade por norte, falseia os bons principios e o seu fim; e então, a verdadeira opinião publica, que é a rainha do mundo, e o primeiro parlamento do universo, é a sua sanção penal, a mais forte, e apuravelo logo como pelourinho de pasquins e officina de injurias!»

Tinha apenas de existencia um mez o *Barcellense* e tinha então por certo o juiz conselheiro, que elle *falseando os verdadeiros principios, a verdadeira opinião publica o apuraria, como pelourinho de pasquins e officina de injurias!*

Porém, não crendo nos principios que adoptara e estava convencido, não deixou pronunciar-se *essa verdadeira opinião publica*, e principiou por perseguir por todos os modos o *Barcellense*, promovendo-lhe tres processos crimes, qual d'elles o mais infame, o mais immoral, que só uma alma perdida, ou cabeça tresloucada podia inventar.

D'estes, resta um, a que temos de responder no dia 23 d'Agosto, e reservamos para então dizer, o quanto pode a *vingança mesquinha!*

Como a perseguição, quando despótica e tyranica, cria proselytos, ao *Barcellense* succedeu outro tanto, augmentando-lhe a sua popularidade, que o seu passado não desmentia, e das verdades, que dizia, mais convictos tornou os seus sequazes.

Não crendo então o juiz conselheiro nem na *rainha do mundo, nem na sanc-*

ção penal, a mais forte,—entendeu que devia crear um jornal e creou, para combater as demasias do *Barcellense*, a que denominava *pasquim*.

Denominou-se *Lei e Ordem*;—o titulo era pomposo,—as aspirações eram nobres, mas os homens eram pequenos e não poderam corresponder-lhe.

O propugnador da edeia, o juiz conselheiro, alliou-se com a *escoria da sociedade*, porque os homens de bem affastaram-se, pois preveram logo o que ia acontecer.

O recém-chegado era um *maltrapilho*, que dizendo mal, atacava a vida privada, o santuario da familia, e com praser revolvia as cinzas dos mortos:—era a *prostituta comprada para ultrajar a preço das lagrimas de muitos orfãos, viúvas e desgraçados!*

Apenas se tinham publicado 12 n.º e a *verdadeira opinião, a rainha do mundo*, sem distincção de classes, levantava-se, como um só homem para protestar contra a existencia do *pasquim—verdadeira officina de injurias!*

As provisões do juiz sahiram erradas, porque se trocaram os papeis;—o *Barcellense*, que já existia, e que ainda hoje existe, era e é acolhido por todos com as maiores demonstrações de sympathia, e adquiriu novas forças, e novo acolhimento sobre as ruínas da *Lei e Ordem*, que desapareceu, (tendo apenas publicado doze numeros!) *apurada e apedrejada pelo rapazio!*

Facto notavel!—tornou a apparecer a *Lei da Desordem*, e os alliados d'hontem propalaram por toda a parte, que d'aquella data em diante seria um jornal circumspecto e sisudo, pois deixava de fazer parte d'elle o *conselheiro ministro!*

Não somos nós, foram todos os juizes substitutos e ainda o sr. Mendanha, que exprobaram de face ao juiz *prostituido* a criação de um jornal na terra em que era julgador!—foram elles, que lhe exprobaram a *alliança hybridu* e a linguaagem licenciada de um jornal desmoralizador, que atacava o santuario da familia e a inviolabilidade dos tumulos!—agora, são os proprios alliados—os amigos da vespóra, (que ainda vão mais adiante) que se encarregam do *elogio funebre* de um jornal *desacreditado e apurado* por elles mesmos, que eram seus collaboradores!

É o castigo de Deus!—é a expiação mais tremenda que o homem pode soffrer na vida—os amigos da vespóra serem da victima os principaes algozes!

E ainda havemos de ver mais, por que *quem semea ventos, colhe tempestades*—prophetisamos, que o juiz conselheiro ainda ha-de ser ultrajado e apedrejado por aquelles a quem se associou!

Não fomos nós, que lhe fizemos o *mal*;—foi a *Lei da Desordem*;—foi a *canalha*, a quem se associou!—agora ahi tem as consequencias, que já eram previstas.

Crear um jornal, não se defender,—corromper os subordinados para ultrajar, vilipendiar, calumniar uma auctoridade, que na jerarchia é seu igual, é prostituir todos os principios;—é quebrantar todos os laços sociaes;—é destruir pela base todo o edificio social.

Para que se queixam da falta de respeito?—para que se queixam do *Barcellense*?—olhem para si, e terão a explicação.

CUNHA OZORIO

São assustadoras as ultimas noticias chegadas da vizinha Hespanha. A anarchia campeia infrene pela desditosa patria de Pelayo e tanto os carlistas como os apologistas da communa fazem um montão de ruínas de milhares de edificios que a mão do homem trabalhador e energico levantou á custa de muitas fadigas e quicá de muitas privações!

Em quanto os falsos apóstolos do throno e do altar se entreteem a saquear as povoações, a desencarrilhar os comboios e a praticar toda a casta de vandalismo, invocando o sagrado nome de Deus; os internacionalistas, peste terrivel e contagiosa vinda d'além dos Pyreneus, assenhoream-se da propriedade, polluem e insultam as mulheres, incendeiam as povoações e assassinaam os habitantes, invocando o doce nome da Liberdade.

Desconhecemos qual seja o Deus de aquelles como desconhecemos tambem qual seja a liberdade d'estes.

Um Deus assim é Satan, como tal liberdade é licença,

A liberdade ensina-nos a acatar a

lei, que nos obriga a respeitar a propriedade e o individuo.

Sem este jugo tão necessario ao forte como ao fraco a desordem estenderia as suas azas salpicadas de sangue e a sociedade deixaria de subsistir.

É preciso que o nosso bom povo e muito principalmente as classes operarias se não deixem embair pelas bellezas apparentes das theorias apresentadas pelos *petroleiros*, que em todo o caso são os que occultam instinctos mais ferozes, mais sanguinarios.

A egualdade não se pode dar por meio da *liquidação social*, porque a natureza dota uns individuos com mais intelligencia ou com mais aptidão phisicas de que outros, e dentro em pouco tempo, rompendo-se o equilibrio, seria necessario proceder-se a novas liquidaciones.

Ora, continuando estas, nós que tanto lucrámos, entregando-nos ao estudo, ao commercio, ás artes, como outros jazendo na inercia, deixamos de trabalhar e ahi está o *hoc opus, hic labor est*, porque sem o trabalho é-nos impossivel viver.

O trabalho é a historia mais brilhante da humanidade.

É pelo trabalho que se abrem as portas do oriente d'onde auferimos milhares de recursos; que revolvemos as entranhas da terra onde encontramos um thesouro de riquezas e de conhecimentos; que n'uma mesma hora, fallamos com os nossos irmãos de quem estamos separados por centenas de leguas.

O trabalho é a applicação do vapor, da electricidade, o aerostato, tudo que vemos emfim creado pela mão do homem.

Da fraternidade de taes especuladores póde o leitor ajuizar pelo que elles fizeram em Pariz e pelo que tem praticado em Hespanha mesmo nas pessoas dos seus partidarios.

É preciso, repetimos, que o nosso povo, sempre moderado e sempre abominador do que é mau, repilla esses infames especuladores que se aproveitam da sua credulidade para se empoleirarem e encherem.

O RECONHECIMENTO.

Se o ser ingrato é o defeito mais vergonhoso, que póde ter um homem; tambem o ser agradecido é a virtude que mais o acredita: e sendo em todos louvavel esta virtude, em ninguem assenta melhor que n'um Principe. El-Rei D. Manoel deu provas de possuir esta nobre qualidade; e o que fez a Duarte Pacheco (ainda que depois, levado da calumnia o desfez) em reconhecimento dos grandes serviços, que na India lhe prestára, dão bem a ver quanto elle era reconhecido. «Quando este valoroso Heróe chegou a Lisboa, ordenou El-Rei, que em

seu nome houvesse orações, e foi em processão desde a Sé com muita pompa até ao Convento de S. Domingos. Com elle iam todos os de sua casa, e ao seu lado ia o Pacheco, para que vissem todos como sua Alteza honrava o merito. Não satisfeito ainda El-Rei D. Manoel, escreveu a quasi todos os Principes Christãos cartas recamadas de louvores devidos ás façanhas de Pacheco, para que seu nome em toda a Christandade com resonante gloria se espalhasse.»

D. João de Castro para nada lhe faltar das partes, que devem concorrer n'um grande Capitão, era summamente reconhecedor do merecimento de quem o tinha, e sabia com grande arte fazer uso d'esta virtude; prova d'isto é o que em carta escreveu a seu filho D. Alvaro, quando entendeu que D. João Mascarenhas iria a Góa para passar ao Reino: dizia assim: «Lá vai o Senhor D. João Mascarenhas, tal qual os Mouros e Gentios confessão; e eu que sou bom Christão, faço a mesma confissão de seu esforço, porque em todas as batalhas o achei sempre a meu lado. Vai-se embarcar para o Reino, rogo-vos muito, que lhe façais o mesmo tratamento que á minha pessoa, e não consentais que tome outra pousada, senão a vossa; porque além d'elle o merecer, espero em Deos, que tornará muito cedo a estas partes, a emendar meus descuidos.»

A ESCOLHA DOS HOMENS

PARA OS EMPREGOS

É O PRIMEIRO DEVER DOS PRINCIPES.

D. João II, que sem duvida alguma foi o mestre da arte de reinar, deixou tão bons documentos ácerca da escolha dos homens para os empregos, que elles devêrão andar sempre na lembrança tanto dos Principes como dos cortezaes, para que uns e outros se convenção, que não são os empregos que se devem buscar para os homens, mas sim os homens para os empregos. Em materia tão grave não sejamos nós quem fallemos, mas sim o mesmo Escriptor da sua vida.

«Entre outras muitas virtudes tinha D. João esta, um tão singular cuidado de quem o bem servia, que sem pedir mercê lh'a fazia. Trazia secretamente um livro escripto por sua mão, que alguem nunca o soube senão depois de sua morte, no qual tinha apontados todos os homens a quem mais obrigado era, cada um em sua qualidade, em capitulos que lhe dizião: Foão me tem feito taes serviços, lembrar-me-ha quando cousa vagar,

que nelle caiba de o prover. E quando as cousas vagavão, e lh'as vinhão pedir, dizia: «Já a tenho dada.» e então via secretamente no livro as pessoas da qualidade da tal cousa, e áquelle a quem mais obrigação tinha a dava; e ás vezes estando a tal pessoa fóra do reino em seu serviço lhe mandava cá fazer seus despachos, de que muitos se espantavão; e foi singular virtude, em que todos os bons tinham muita esperanza de seus serviços: este livro tenho eu em meu poder. E assim tinha outro livro em secreto em que tinha escripto todos os homens aptos para d'elles se servir nas cousas para que erão, cada um em seus titulos, uns para Capitães de cousas grandes, e outros de outras somenos: outros para Embaixadores, e tambem para todos os carregos e cousas necessarias: de maneira que, como havia necessidade d'alguma cousa, logo achava muitos homens nomeados para ella, e sem fallar a alguém escolhia o que melhor lhe parecia, e assim era sempre muito bem servido, e muito préstes.»

(André de Rezende, Chron. de EL REI D. João II.)

Este Principe fez-se tão singular na grande arte de escolher os homens para os empregar, e por este modo sair tão bem e tão acertadamente de todas as suas cousas, que póde dizer-se que para elle não havia empenhos, nem elle conhecia validos. Era dito seu mui frequente: «Quem se deixa governar, não é digno de reinar.» Foi isto o que achou de mais notavel um certo Fidalgo Inglez; que viera de proposito a Portugal para se certificar pessoalmente do que ácerca d'este Principe se dizia; este Fidalgo voltando a Inglaterra, e sendo perguntado por Carlos VII sobre o que vira de mais notavel em Portugal, respondeu em prompto: «Um Rei que a todos governa, e a quem ninguem governa.»

NOTICIARIO

Senhora do Carmo—Foi este anno esplendida a festa da Sur.^a do Carmo, erecta na igreja dos Terceiros desta villa. As novenas foram feitas a instrumental e a concurrencia foi immensa. No domingo passado o Definitorio e devotas festejaram com missa cantada, acompanhada a instrumental e a vizes a Senhora, pregando o dr. Mariz com distincção sendo o seu discurso muito apreciado por todos, que o ouviram.

A Igreja estava ricamente ardonada produzindo um excellent effeito pelo bem combinado da sua disposição. São dignas de todo o elogio as devotas que concorreram para este acto de engrandecimento da nossa religião e ó de esperar, que para o anno as mesmas devotas não o tornem, menos recomendavel.

Envenenamento—Acaba de fallecer na freguezia d'Airó, um jornaleiro, chamado o Cabano, que se envenenou por sua conta e risco, dissolvendo em agua uma grande porção de cabeças de phosforos, que tomou.

Deu causa a isto pertender culpa-lo o caseiro da casa Magalhães desta villa por elle lhe ter soltado uma poça com que pretendia regar.

O tal Cabano era muito mal visto na freguezia, porque costumava guardar o alheio, e por isso tanto medo lhe pozeram, que entendeu por aquella forma devia pôr termo á vida:—não obstante, a terra lhe seja leve.

Fallecimento—Acaba de fallecer na sua casa de S. Claudio a bondosa mãe do nosso particular amigo, o sr. Joaquim Gonçalves do Valle Souto.

Acompanhamo-lo na sua dôr e d'aqui lhe enviámos nossos sentidos pesames e a toda a sua familia.

Casamento—Na segunda-feira, de tarde na freguezia proxima, de S. Martinho de Villa Frescainha prenderam-se com os sagrados vinculos do matrimonio o sr. Antonio Luiz Pereira de Carvalho com a exm.^a sr.^a D. Maria Ernestina, filha do exm.^o sr. commendador, David de Barros e Silva Botelho.

Desejamos aos nossos patricios muitas felicidades com a competente lua de mel, e sobre tudo a *gracinha* do Senhor.

Uma das abnegações do juiz proprietario—Nos fins d'Agosto do anno passado já tinha pedido licença o juiz proprietario para se retirar da comarca;—licença, que o governo lhe concedeu por dous mezes.

Era a vespora da partida, e já tinha entregado a vara ao substituto e seriam, pouco mais ou menos 5 horas da tarde, quando recebe um requerimento, em que o sr. Antonio Joaquim de Souza Ramos, pharmaceutico de Barcelinhos requeria uma *policia correccional* contra João Lourenço da Silva Ferreira, seu visinho. O juiz, é verdade, que já tinha entregado a vara, e não tinha tempo de formar no resto da tarde, d'esse dia, o dito corpo de delicto, porque uma das testemunhas era moradora em Alvellos, não obstante, como quem quer os fins, emprega-lhe os meios, o juiz mandou chamar o escrivão de semana e ordenou-lhe, por dia ou noite, formasse *aquelle corpo de delicto*.

Procura official, e passa mandado era sol posto, quando o respectivo official de diligencias caminhava para Alvellos, onde, sim de noite, pode fazer a intimação á testemunha.

Ainda que, o *corpo de delicto* se tinha de fazer de noite, parecia, que estavam vencidas todas as difficuldades, mas não aconteceu assim, porque uma das testemunhas, que era desta villa ou Barcelinhos tinha subido para fóra, e assim baldados todos os esforços;—mas não ficaram, porque o escrivão, indo dar parte ao juiz do acontecido, este ordenou-lhe, que formasse o aucto com duas, e depois se quisessem, tomassem a outra. Assim se fez; o escrivão não tomou o aucto de noite, e pediu ás duas testemunhas, que pela manhã, muito cedo, se apresentassem em sua casa, a tempo d'ainda se fazer o aucto, e o juiz poder assigna-lo, antes das oito horas da manhã, que eram as determinadas para a partida.

E de facto não houveram mais inconvenientes;—o juiz assignou o aucto com grande satisfação sua.

Este facto é verdadeiro;—mas veja leitor o *montão de illegalidades* que aqui vão!—que maldicta enbica!—que indecencias!

1.^o—ao escrivão, ao official, ás testemunhas e ás partes foi-lhe facil conhecer o motiyo desta pressa e por isso do que é capaz fazer e saltar este juiz por cauza de meia duzia de testões!

2.^o—a illegalidade de um official de diligencias andar a fazer intimações de noite, ensinando-os assim a faltar aos seus deveres!

3.^o—obrigar as partes a fazer segundo aucto, e assim despesas desnecessarias, quando quizessem tomar a outra testemunha, que, por precipitação do juiz, não podia ser tomado!

4.^o—o escrivão tomar o aucto em sua casa, em lugar da do juiz, com a sua assistencia, e por conseguinte obrigar o escrivão a dar uma fé falsa, como deu!

5.^o—estar outro juiz a funcionar, (pois já tinha sido passada a vara ao substituto, e *sub e obrepticamente*, tratar de lhe empalmar *aquelles miseros testões*!

São estes os exemplos de *abnegações*, que nos dá, e com que, constantemente, nos está mimoseando: é o juiz mais baixo, e mais sujo, que cá nos tem vindo!—mettendo o focinho nada lhe causa embaraço! se elle é *conselheiro*!... signomino de tratante.

A aposta—Nicolao, Duque de Ferrara, tinha na sua corte um homem muito engraçado, por nome *Gonelli*; e perguntando-lhe uma vez «de que estado, arte, faculdade ou officio havia maior numero na cidade de Ferrara;» *Gonelli* respondeu, «que o maior numero era de Medicos.» O Duque lhe instou, dizendo, «que não podia ser, porque na cidade não havia mais de quatro.» Respondeo *Gonelli*, «que se apostasse alguma somma de dinheiro, elle lhe mostraria dentro de tres dias, em como era certa a sua proposição.» Consentiu o Duque na aposta, e *Gonelli* no dia seguinte appareceu á porta da Igreja Matriz com o pescoço e cara enfaixada em lenços brancos, cousa que deu nos olhos de todos, e perguntavão com pena, «o que tinha;» ao que elle promptamente respondia, «que tinha uma dôr de dentes que o fazia ver as estrellas.» Cada qual lhe ensinava seu remedio, o que elle assentava n'um rol, com o nome da pessoa que lh'o applicava; e fazendo o mesmo pelas ruas da cidade entrou ultimamente no palacio do Duque, o qual lhe fez iguaes perguntas; e queixando-se *Gonelli* da mesma dor de dentes, o Duque compadecido lhe ensinou tambem outro remedio. Retiron-se *Gonelli*, e no fim de tres dias appareceu com um grande rol das pessoas, que lhe querião curar a dor, mostrando na cabeceira d'elle o nome do Duque; o qual vendo o dito rol, e rindo muito da lembrança, confessou ter perdido a aposta, e mandou dar a *Gonelli* a quantia ajustada.

O mez de Julho—Deriva o seu nome de Julio Cesar, que nasceu a 14 de Julho. O seu signo é o do *Leo*; o é de erer que os Egyptios adoptassem este signo, porque o grande calor, proprio da estação e d'aquelle clima, e a sede, obrigavam os leões da Lybia a fugir dos desertos, indo procurar as margens do Nilo.

Este mez estava debaixo da protecção de Jupiter, e representava-se na figura d'um homem nu, queimado pelo sol, com os cabellos ruivos, coroado de espigas, e com um cestinho de amoras na mão. Os attributos eram o signo correspondente a este mez; uma especie de chapéu de sol, e uma cigarra. Tem 31 dias, que vão diminuindo 27 minutos de manhã e 27 minutos de tarde.

Este mez é fecundo em acontecimentos notaveis, tanto na ordem moral como na ordem physica. Os factos mais notaveis da historia de Portugal succedidos em julho são

os seguintes: primeira victoria naval portugueza em 29 de 1180; victoria do Campo de Ourique, por D. Affonso Henriques, 25 de 1139; descobrimento da ilha da Madeira a 1 de 1430; partida de Vasco da Gama para o descobrimento da India a 8 de 1497; nascimento de Camões a 17 de 1524; conquista da cidade de Malaca por Affonso de Albuquerque a 24 de 1511; victoria de Castello Rodrigo a 7 de 1664; desembarque do Mindello a 8 de 1832; e entrada da divisão do duque da Terceira em Lisboa a 24 de 1833.

Em julho celebravam os gregos as festas de Apollo e de Adonis, e os romanos as festas de Neptuno, as circenses, as mercuriaes, os sacrificios a Ceres e á Canicula, etc.

Sobre os destinos dos homens e mulheres que nascem n'este mez, fazem os astrologos vaticinios curiosos. Os homens serão bravos, altivos, magnanimos, eloquentes, piedosos, e susceptiveis de grandes paixões amorosas. Os seus filhos farão a sua consolação e felicidade. Serão venturosos nos seus negocios, mas sujeitos a grandes perigos. As mulheres serão espertas, falladoras, formosas, colericas, vingativas e rancorosas. Serão pouco fecundas, muito caritativas, e muito amantes de honras e grandezas.

D. Antonio Dorregaray—Um dos mais valentes e destemidos chefes carlistas, é natural da Navarra e conta 48 annos de idade. É um homem de tracto agradável e de physionomia energica e expressiva e de uma constituição vigorosa e robusta.

Serviu por muito tempo nos batalhões constitucionaes de caçadores de Arapiles e de Alba de Tormes. Quando rebentou a revolução de 1868, era coronel do segundo corpo mencionado e na celebre batalha de Alcoléa esteve ás ordens do general isabelino D. Manoel Paiva e Sans, marquez de Novaliches.

Em abril de 1872, logo que começou a insurreição carlista, apresentou a sua valente espada a D. Carlos de Bourbon y Austria que o nomeou commandante geral de Valencia.

Á frente de uma força pouco numerosa sustentou varios recontros e n'um d'elles teve a infelicidade de cair gravemente ferido, ferimento de que ainda hoje se não acha completamente curado.

Nomeado mais tarde pelo duque de Madrid capitão general das provincias Vascongadas, Navarra e Rioja, conseguiu augmentar as forças que commandava, achando-se hoje á frente de um pequeno exercito bem organizado e equipado.

As festas na Suissa e as escolas—Todas as festas na Suissa tem relação com a escola. Qualquer alteração no movimento d'ella é pretexto para uma festa: festa ao entrar na escola; festa á saída; festa quando o menino muda de classe; festa no começo das ferias; festa na nova abertura; festa quando toma posse um novo professor, festa com a aposentação do antigo.

A escola é o centro de todos os pensamentos e alegrias da povoação, de todas as horas felizes, tanto nos negocios publicos como no lar domestico.

A escola participa das alegrias da familia e das recompensas da egreja. O rapaz suizo encontra na escola companheiros com quem elle aprende os exercicios gymnasticos e o canto.

Julho 22—Em 1632 nasce em Lisboa o celebre escriptor conde da Ericeira, cuja biographia o snr. Pinheiro Chagas nos dá nas seguintes linhas, que para qui transcrevemos dos seus «Portuguezes Illustres:»

«D. Luiz de Menezes, terceiro conde da Ericeira, foi notavel por mais d'um titulo, como general, como escriptor, e como estadista. Uma rapida noticia da sua vida resumirá, do modo mais conveniente, os louvores que devemos tributar a esta brilhante individualidade.»

«Nasceu em Lisboa a 22 de Julho de 1632, foi, em creança, familiar do principe D. Theodosio, a quem sempre se mostrou vivamente affeicoado. Quando teve idade de pegar em armas, partiu para a fronteira do Alemtejo, como capitão de cavallos.

Distinguiu-se muito á frente do seu esquadrão na pouca afortunada campanha de Badajoz em 1638, e na mais feliz campanha do anno seguinte, que terminou com a brilhante victoria das linhas d'Elvas. Fez as campanhas seguintes, já á frente d'um regimento, até que em 1663 foi nomeado general d'artilheria no exercito de que era commandante em chefe, o conde de Villa-Flor, e n'essa qualidade contribuiu poderosamente para o exito da batalha do Ameixial, assim como depois em 1665 prestou relevantes serviços á sua patria, dirigindo os canhões de modo que em grande parte lhe deveram o marquez de Marialva e o conde Schomberg a famosa victoria de Montes Claros. Tanto mais se deve apreciar o merecimento D. Luiz de Menezes, quanto n'essa epocha a artilheria, em consequencia da sua pouca mobilidade, servia habitualmente mais de embaraco do que de auxilio para os exercitos.»

«Nas lamentaveis e vergonhosas discórdias que rebentaram entre D. Affonso VI e seu irmão D. Pedro, tomou o conde da Ericeira o partido do infante; este não olvidou os seus serviços, e remunerou-o dando-lhe o cargo de veador da fazenda, que D. Luiz aliás desempenhou com proficiencia notavel, merecendo que alguns escriptores lhe chamassem Colbert portuguez. No dia 26 de maio de 1690 suicidou-se, atirando consigo d'uma janella abaixo, tendo de idade cincoenta e oito annos. Se não houvesse tomado esta funesta resolução, poderia talvez ter impedido o seu soberano de assignar esse fatal tratado de Methuen, que transformou Portugal, por muito tempo, n'uma verdadeira colonia inglesa.»

«Aos louros de general e de estadista juntou o conde da Ericeira a gloria de historiador, contando em boa linguagem e estylo facil os successos politicos e militares da restauração portugueza, em cujo ultimo periodo elle desempenhara por vezes um tão brilhante papel.»

«Esse é o assumpto da sua celebre Historia do Portugal Restaurado, livro que atnda hoje é a fonte onde podemos beber o conhecimento de muitos factos tão honrosos para Portugal.»

«Não foi este o unico escriptor que honrou o titulo de conde da Ericeira. Seu irmão D. Fernando de Menezes, de que o nosso biographado herdou a casa, escreveu, além da «Vida d'el-rei D. João 1.º» e de outras obras, uma estimada «Historia de Tanger,» tendo sido o penultimo governador d'essa praça africana tão illustrada pelos nossos feitos. Seu filho D. Francisco Xavier de Menezes, o conceituoso cortezão

de D. João V. foi poeta muito apreciado no seu tempo, amigo e correspondente de Boileau, cuja «Arte poetica» traduziu, e auctor d'uma «Henriqueida» que se junta, sem grande esplendor, á longa lista das epopeas portuguezas.»

«Os condes da Ericeira, que possuiram uma das mais selectas bibliothecas do seu tempo, julgavam honrar e não deslustrar o seu brazão pondo a penna d'escritor ao lado do seu elmo heraldico.»

ANNUNCIOS

AGRADECIMENTOS

O Padre Joaquim Gonçalves do Valle Souto da freguezia de S. Claudio de Curvos, seus irmãos, e irmãs, sumamente penhorados pelas inequivocas provas de consideração, que receberão das pessoas de sua amizade, tanto cavalheiros, como Senhoras, por occasião do fallecimento de sua sempre chorada Mae, Antonia Maria do Valle, veem por este meio agradecer, bem como aos Illm.ºs e Rdm.ºs snrs. Parochos, e mais ecclesiasticos, que em grande numero, e todos gratuitamente, assistirão ao officio de corpo presente, e mais actos annexos, no dia 4 do corrente, assegurando a todos a sua verdadeira gratidão, e pedindo desculpa de o não poderem fazer pessoalmente.

Padre Joaquim Gonçalves do Valle Souto.

D. Maria Helena da Cruz, e D. Anna Rita da Cruz, de Barcelinhos, agradecem muito cordialmente aos illm.ºs e exm.ºs snrs. e snr.ºs de quem receberão favores durante a enfermidade, fallecimento e enterro de seu presado irmão, Domingos Silverio da Cruz, e aos illm.ºs snrs. ecclesiasticos que assistiram gratuitamente aquelle funeral. A todos protestam sua eterna gratidão.

VENDE-SE



As casas que forão dos finados Affonsos, na calçada ao pé do Senhor da Cruz, desta villa de Barcellos—quem as pertender, falle nesta villa com Do-

mingos José Vieira d'Araujo ou na Cidade de Vianna com D. Zulmira Mendes Norton d'Espargueira, e sua filha.

ALUGA-SE

Uma loja com porta-cocheira no largo da Cadeia, (não sendo para fazer lume)

ALUGA-SE

Do 1.º de Setembro em diante a caza da rua da Estrada, onde está o Collegio de S. José; tem muitos commodos e grande quintal.

ALUGA-SE

Um armazem com quintal e poço na rua Nova de S. José.

MACHINAS DE COSTURA

DE SINGER

Vende-se em casa de Manoel Pereira Leite de Carvalho desta Villa no Campo da Feira, assim como agulhas e al-gudões de cores proprias para as mes-mas. Preço commodo. Ensino Gratis.

PROGRESSO MARITIMO DO PORTO

Empresa portuense de navegação a vapor

Entre Portugal e a Costa do Brazil

Para Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, com escala para S. Vicente

Vapores portuguezes



Espera-se brevemente o novo e magnifico vapor de 1.ª classe (a 100 no lloyds)

JULIO DINIZ

Commandante—J. J. RODRIGUES CONTENTE

Sahirá deste porto para os portos acima, impreterivelmente, no dia 26 de julho

Este vapor construido nas melhores condições, com especialidade para poder entrar e sahir a barra d'este porto, offerece, além das excellentes commodidades para os snrs. passageiros de todas as classes, a vantagem de sahirem d'aqui directamente para os portos acima mencionados, evitando-lhes o incommodo de irem a Lisboa e de fazerem a menor despeza.

A comida será abundante e variada, feita por cozinheiros portuguezes, servindo-se vinho de meza, escolhido no Douro, aos passageiros de todas as classes, sem augmento dos preços das passagens.

Os passageiros de 2.ª classe tem cama, roupas, louchas e utensillios de meza.

Para mais esclarecimentos, assim como para carga e passageiros, dirigir-se ao escriptorio da gerencia. Rua dos Ingleses n.º 42, ou ao Agente nesta villa—João Antonio da Costa Guimarães.

RESPONSAVEL

José Joaquim Lopes da Silva

BARCELLOS:—Typ. do **Barcellense**

CAMPO DA LOUÇA N.º 11.